

## PASSAGEM DE NÍVEL / 1965

Um filme de AMÉRICO LEITE ROSA

*Realização:* Américo Leite Rosa / *Argumento:* Marques Vidal / *Direção de fotografia:* José Pereira / *Operador de câmara:* Vítor Barbosa / *Música:* Joaquim Luís Gomes / *Música das canções:* Manuel Paião / *Letras das canções:* Eduardo Damas / *Direção musical:* Joaquim Luís Gomes / *Montagem:* Fernanda Santos / *Som:* José de Carvalho, Nuno Ribeiro / *Direção de ensaios:* Jacinto Ramos / *Interpretação:* Madalena Iglésias (Carla), Virgílio Teixeira (Eduardo Silva), Wilma Palmer (Lúcia), José Amaro (Batalha), Canto e Castro (engenheiro Sousa Lemos), Eugénio Salvador (Magalhães, agente artístico), Óscar Acúrcio (arquiteto Gonzaga), Manuela Novais (dactilógrafa), Isabel Ferreira (Joaquina, a criada de Carla), Constança Navarro (ama de Eduardo), Maria João Alvarez (filha do engenheiro Sousa Lemos), Fernando João Alvarez (filho do engenheiro Sousa Lemos), Ana Maria Campos, Júlio Cleto (Francisco, o mestre de obras), Delfim Brás (José, o motorista), Nunes Forte (bancário), Samuel Maia, Manuel Bento, Cunha Marques, Maria do Céu Figueiras, Trio Odemira.

*Produção:* Marques Vidal, com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol / *Laboratório:* Ulyssea Filme (imagem), Valentim de Carvalho (som) / *Distribuição:* Internacional Filmes / *Cópia:* Cinemateca Portuguesa, 35mm, preto e branco, falado em português / *Duração:* 87 minutos / *Estreia:* 18 de junho de 1965, Cinema Odéon / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**Sessão apresentada por Maria Manuela Rosa Freire**, a propósito do lançamento do livro *A Vida de um Artista – Américo Leite Rosa – A Minha Memória*.

**NOTA:** ao contrário do anunciado, não será possível exibir, por questões de conservação patrimonial, a curta-metragem **A Lenda das Amendoeiras**.

---

A história do cinema português é, em grande medida e talvez mais do que qualquer outra cinematografia, uma história de casos singulares. Refiro-me, em particular, à condição de muitos cineastas que, ao longo da sua extensa atividade, apenas realizaram um filme de longa-metragem. Sem pretender ser exaustivo, e restringindo-me apenas ao cinema produzido durante a ditadura do Estado Novo (ou seja, deixo de fora, propositadamente, os vários nomes da “geração perdida” dos anos 1980 e 90), refiro alguns desses realizadores e respetivos títulos: Adolfo Coelho e **Porto de Abrigo** (1940, de qual se perdeu o som), José Brás Alves e **O Violino de João** (1944), Santos Mendes com **A Noiva do Brasil** (1945), Victor Manuel e o seu **O Louco** (1946, de que só subsistem fragmentos), Bárbara Virgínia com **Três Dias sem Deus** (1946, de que só subsistem fragmentos), João Moreira e **Bola do Centro** (1947), Armando Vieira Pinto com **Eram Duzentos Irmãos** (1952), Carlos Marques e **Chikwembo! "Sortilégio Africano"** (1953, de que não existe cópia final), Herlânder Peyroteu com **Um Campista em Apuros** (1967) e, entre outros, o presente Américo Leite Rosa com **Passagem de Nível**. E esta lista só peca por defeito – sendo que à mesma se poderão acrescentar dois nomes da geração do Novo Cinema que igualmente viram as suas carreiras frustradas logo no início (desta feita por questões de censura política), em particular Faria de Almeida e o seu mutilado **Catembe** (1964) e Lopes Barbosa com o igualmente proibido **Deixem-me ao Menos Subir às Palmeiras...** (1972). Com exceção destes dois últimos, que pela idade se integram na geração do Novo Cinema, quase todos os outros nomes são realizadores que pertencem à dita “Geração dos Assistentes”, isto é, realizadores que passaram décadas a trabalhar (nas mais variadas funções) para os nomes cimeiros da “Primeira Geração” (Leitão de Barros, Lopes Ribeiro, Brum do Canto, etc.) e que, na década de 1950 e 60 começaram, finalmente, a autonomizar-se.

É o caso de Américo Leite Rosa, figura que atravessa sete décadas da história da produção de cinema em Portugal (integrou as primeiras equipas na década de 1930 e continuou envolvido com o cinema – ainda que de forma algo soluçante – até aos anos 1990). Essa travessia fez-se em diferentes funções, sendo que entre as décadas de 1940 e 50 Leite Rosa entendia-se primeiramente como “decorador cinematográfico” – essa era a sua ocupação principal. Foi, por exemplo, decorador/aderecista/assistente-de-decoração em filmes como **O Pai Tirano** (1941), **O Pátio das Cantigas** (1942), **Ala-Arriba!** (1942), **Lobos da Serra** (1942), **Amor de Perdição** (1943), **Sonho de Amor** (1945), **Um Marido Solteiro** (1952), **O Homem do Dia** (1958). Leite Rosa praticou, em simultâneo com o cinema, a locução (na rádio e em filmes de outros), a ilustração (para publicidade), a caricatura (nos jornais, em particular no *República*) e a cenografia (para teatro). Como realizador assinou mais de quinze curtas-metragens, a primeira delas logo em 1951, **A Lenda das Amendoeiras**. Entre essa filmografia em formato reduzido, destacam-se títulos de cariz institucional como **Pousadas de Portugal** (1962), patrocinado pelo SNI (Secretariado Nacional da Informação) ou, já depois do 25 de Abril, o engajado **Eanes: O**

**Presidente do Povo** (1976). Já no final da década de 1990, apresentaria um último projeto ao Instituto do Cinema, um guião intitulado *Frei Simão*, que acabaria por nunca ser realizado.

No entanto, seria errado assumir-se que, por ser a sua única investida no formato longo, **Passagem de Nível** reflete um esforço longo e um projeto há muito acalentado por Américo Leite Rosa. Na verdade, trata-se de um filme que tem, de forma muito mais significativa, a marca do seu aventureiro produtor, José Marques Vidal – as várias reportagens da época destacam sempre o seu nome em primeiro lugar (relegando o nome de Leite Rosa para o parágrafo em que elencam os restantes técnicos). Como Leite Rosa, Marques Vidal era mais conhecido como locutor de rádio. De qualquer modo, em meados dos anos 1960 tentou uma carreira no cinema: entrou em algumas comédias populares (interpretando sempre “locutores”), nomeadamente **Pão, Amor e... Totobola!** (1964) e **Uma Hora de Amor** (1964); escreveu dois argumentos, **Um Cão e Dois Destinos** (1965) e o presente **Passagem de Nível**, tendo igualmente produzido este último. Foi um desvio cinematográfico fugaz. Não custa, portanto, imaginar que Marques Vidal tenha desafiado Leite Rosa para assumir a realização desta longa devido à sua experiência no formato curto (e como técnico em tantas outras rodagens – o filme viria a ser promovido como “um filme de novos com experiência”), mas também devido à sua convivência na rádio.

A esse nível, a realização do filme é bastante isenta – o crítico Eugénio Navarro, no jornal *República*, descreveu-a como “com desenvoltura e asseio”; em texto não assinado no *Diário da Manhã* refere-se uma “linguagem eminentemente simples” – focando-se por isso inteiramente na trama romântica engendrada por Marques Vidal. Desse modo, o título anuncia a dupla natureza da história: refere-se, num sentido material, à efetiva passagem de nível através da qual os carros e os transeuntes atravessam as linhas de comboio (metafóricas linhas do destino); mas num sentido moral, o filme descreve um processo de expiação, uma *passagem do nível* da culpa, para o *nível* da redenção. De forma mais clara: Virgílio Teixeira (interpretando o arquiteto Eduardo Silva) sente-se culpado por não ter conseguido evitar a morte de uma criança que brincava num prédio em construção; assolado pela culpa, anda de cabeça perdida pelas ruas (é aí que o filme o descobre pela primeira vez) e, graças à sorte, salva-se de ser colhido por um comboio no preciso momento em que se deixa atropelar (mas sem gravidade) por um carro. Ao volante seguia Madalena Iglésias (interpretando uma cantora famosa – como escreveu o *Diário do Norte*, “vivendo no filme a sua própria vida” – de seu nome Carla). Desse choque – literal – surge um “amor à primeira vista”. Por entre uma série de episódios circunstanciais, o centro dramático da história soluciona-se, finalmente, quando a situação do acidente com uma criança num estaleiro se repete. À segunda vez Eduardo é capaz de salvar o menino, colocando-se para isso em risco e condenando-se a uma aparatosa queda (mas, como o atropelamento, nada de muito grave...). Assim, liberto da sua culpa através de uma emenda da sorte (uma transação do destino, uma morte por um salvamento), Eduardo está apto a amar plenamente Carla – fim!

Há, claro, da parte de Leite Rosa um trabalho em torno dos símbolos e em torno das citações que acaba por elevar a trama folhetinesca acima da sua função comercial, dirigida ao público da fotonovela e aos fãs de Madalena Iglésias. Por exemplo, recorde-se a presença da gaiola de periquitos na sequência do primeiro atropelamento (ícone das relações amorosas); repare-se no modo como as primeiras imagens do jardim zoológico – em específico a primeira delas, com uma zebra, essa animal de ambígua coloração – surge logo após o regresso de Eduardo a casa depois do “encontro/choque” com Carla; atente-se ainda nos sucessivos acidentes que, uma e outra vez, assombram a vida de Eduardo; e, por fim, é impossível não deixar de persentir a homenagem – bem medidas as (enormes) distâncias – que a sequência final do acidente faz ao famosíssimo (e aterrador) final de **Germania anno zero** (1948).

De qualquer modo, o que mais importa assinalar em **Passagem de Nível** é algo que lhe é, em certa medida, alheio mas que o filme tem o condão de saber conservar: o retrato (ficcional mas realista e rodado em cenários documentais – por questões orçamentais o filme foi maioritariamente rodado em exteriores e locais reais) de uma burguesia nova-rica associada ao enorme *boom* da construção civil que transformou Lisboa nas décadas de 1950 e 60. Nesse sentido, por ser contemporâneos, **Passagem de Nível** reflete sobre o mesmo fenómeno urbanístico que **Os Verdes Anos** (1963). Só que, há que dizê-lo, o olhar de Américo Leite Rosa é o perfeito negativo do de Paulo Rocha: dois decalques inversos do mesmo fenómeno, lados apostos do mesmo espelho. Sendo que **Os Verdes Anos** está mais próximo do real, enquanto **Passagem de Nível** parece ter mergulhando completamente no lado da fantasia de classe.

Ricardo Vieira Lisboa